

PROFESSORAS DA ESCOLA PÚBLICA: TRAJETÓRIAS DE LEITURAS

HELOISA BARRETO BORGES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA).

Resumo

Este trabalho faz parte da pesquisa "Leitores da escola pública: um estudo de caso no Colégio Estadual de Feira de Santana", iniciada em 2008 e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). No desenvolvimento da investigação, entrevistamos professoras e estudantes e realizamos com eles Círculos de Leitura, nos quais textos literários são lidos em voz alta por um leitor-guia, havendo, no final, uma discussão sobre os sentidos que os leitores atribuem ao referido texto. No processo de coleta de dados também aplicamos questionários com os estudantes. Apresentamos neste texto resultados parciais da pesquisa, dando um recorte às entrevistas com as professoras. Embora a análise de dados encontre-se em andamento, é possível perceber que os depoimentos das professoras revelam trajetórias singulares de leitura, marcadamente influenciadas pela família ou pela escola, demonstrando que cada leitor constrói a sua história como sujeito historicamente situado. A leitura aqui é concebida como prática sociocultural que acontece dentro e fora da escola, conforme postulam Chartier (1999, 2001, 2004); Abreu (1999, 2004, 2005, 2006). Ao analisarmos os dados, observamos que vários perfis de leitores vão se delineando tomando como referência as necessidades profissionais e/ou pessoais. São leituras para fundamentar o trabalho como professoras com as especificidades das áreas de conhecimento nas quais estão ligadas, ou leituras religiosas, ou de autoajuda, que dizem respeito aos respectivos momentos pessoais. Além disso, detectamos que as características de uma sociedade industrial de massa marcam as próprias escolhas de leitura das professoras. Os dados mostram a existência de vários tipos de leitores que transitam naturalmente pela literatura popular, pela literatura clássica, pela literatura religiosa e pela literatura de massa.

Palavras-chave:

TRAJETÓRIA DE LEITURA, PERFIL LEITOR, LEITURA LITERÁRIA.

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta da pesquisa "Leitores da escola pública: um estudo de caso no Colégio Estadual de Feira de Santana" iniciada em 2008, cujo objetivo é traçar o perfil do leitor da escola pública (professores e estudantes), que servirá de base para a construção posterior de um projeto de intervenção na área da leitura no sistema público de ensino do município de Feira de Santana.

A motivação inicial girou em torno da reflexão sobre pesquisas oficiais que demonstram baixos índices de leitores, coincidindo com os baixos níveis de escolarização dos brasileiros, num contexto aparentemente contraditório de crescimento considerável do mercado editorial e aperfeiçoamento dos meios eletrônicos de acesso ao escrito e ao imagético. Considerando o compromisso da universidade com uma educação pública de qualidade, questionamentos surgem, tais como: O que lêem os professores e os estudantes da escola pública? Como lêem? Quando lêem? Que práticas de leitura contribuem para a construção de sentidos desse fazer? Como eles se vêem como leitores(as) na contemporaneidade, diante das múltiplas possibilidades de materiais de leitura disponíveis? Como a leitura de textos literários pode exercer influências em suas vidas?

Ao longo do processo de coleta de dados, a equipe pesquisadora tem realizado entrevistas com alunos e professores, aplicado questionário aos alunos do Ensino Médio, bem como realizado "Círculos de Leitura" com alunos e professores, usando textos literários, atualizando uma prática antiga da leitura em voz alta, que envolve leitores-ouvintes numa atmosfera prazerosa de interação com o texto, o qual é lido por um leitor-guia. A atividade subsequente é uma produtiva discussão sobre os sentidos e as relações que o texto provoca na vida e nos sentimentos pessoais e coletivos dos participantes, instigando-os à adoção de uma postura crítico-reflexiva de leitores ativos, participantes das práticas peculiares a uma sociedade letrada, que dispõe de suportes textuais diversificados.

Neste recorte, apresentamos os resultados de entrevistas feitas a 06 (seis) professoras de variadas áreas do conhecimento, do Colégio Estadual de Feira de Santana, a saber: duas de Português, uma de Matemática, uma de Geografia, uma de História e uma de Física, as quais, ao perfilar suas trajetórias de leituras, expõem as marcas de uma sociedade industrial no desenho de sujeitos, cuja dinâmica leitora transita naturalmente entre a literatura clássica (canônica), a popular e a de massa, fugindo a uma posição unilateral. O princípio norteador do contato com este público-alvo diversificado foi a importância da leitura em todas as áreas e não somente como responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, visto que só o professor leitor (de qualquer área) pode contribuir para a formação do aluno leitor.

A nossa compreensão indica que, na dinâmica das práticas interacionais contemporâneas, a leitura se impõe como uma exigência de ajustamento individual para garantir a sobrevivência social e emocional do sujeito no universo cultural do qual cada faz parte, e, conseqüentemente, na perspectiva de investimento institucional da Escola para o resgate da leitura como uma prática prazerosa e construtiva.

LEITURA COMO PRÁTICA SOCIOCULTURAL

Numa sociedade letrada como a nossa, em que os usuários da língua, desde a mais tenra idade, estão expostos a diversas manifestações da palavra escrita e da imagem, o uso da leitura e da escrita se instala como resultante de um aprendizado que ora se dá informalmente, via experiências de vida, consagrada por Freire (1989) como "leitura de mundo", ora se especializa institucionalmente, via escola. Ela faz parte da vida dos cidadãos dentro e fora da escola. Assim, esta, por seu caráter institucional e formal, assume a incumbência de ensinar a leitura, ou seja, de formar leitores e não, equivocadamente, decifradores do impresso, infelizmente ainda uma prática recorrente em muitas escolas. A leitura não pode ser entendida como uma mera decodificação do signo gráfico, mas como um processo que envolve múltiplas situações e suportes textuais, tendo como eixo primordial a construção de sentidos. Rangel (2005) destaca que:

Efetua-se, assim, uma ruptura com o modelo da leitura reprodutora. Insere-se na sala de aula o espaço para a leitura múltipla, que viabiliza a aproximação do leitor, porque vincula-se com o vivido. A leitura apassivadora parece estar desconectada, porque vinculada a uma realidade idealizada pela escola. É quase, posso dizer, uma leitura isenta. A leitura polissêmica rompe com o modelo de leitura repetitiva, realizada na sala de aula, a partir do momento em que o professor se despoja das suas "certezas", da sua leitura sobre o

texto, para "autorizar", enfim, permitir que o leitor construa os seus significados (p.38).

Por conseguinte, o processo de apropriação da leitura envolve o estabelecimento de relações entre as referências individuais do leitor e o compartilhamento das concepções de mundo, das memórias, dos costumes e legados culturais com seus pares sócio-historicamente situados. Considerando que o uso cotidiano da oralidade tradicionalmente já cristalizou o hábito de relacionar som e sentido, criar um vínculo entre escrita e sentido é uma operação complexa, posto que dar sentido ao lido requer uma compreensão mais ampla de encontro desse sujeito histórico com o que está fora do texto, com os discursos predominantes nos espaços que o circundam. Assinala Chartier (1996):

[...] os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (p.78).

Certamente, as dificuldades em torno da leitura não podem ser computadas no plano decifratório das variadas formas gráficas socialmente aceitas, posto que giram, notadamente, em torno da construção de um sentido discursivo que a linguagem naturalmente encerra. E este sentido é elaborado no seio da cultura, através da constituição de interações humanas, nas teias relacionais de convivência, com a mediação da presença dos livros e das múltiplas formas de ler optadas pelos usuários da língua, a partir de suas experiências e necessidades.

Nesse sentido, o acesso a suportes de leitura para promover a aproximação do leitor ao livro, torna-se primordial ao processo de implementação de um projeto de democratização da leitura e de formação do leitor. É de domínio público que as pessoas estão lendo, lendo muito e gostam de fazê-lo, se considerarmos como práticas de leituras não apenas as leituras canônicas, mas também os diversos textos que compõem o leque de ofertas de suportes disponíveis na contemporaneidade, inclusive as de meio eletrônico.

Entretanto, a dificuldade de uma maioria economicamente desassistida de dispor de tais materiais é evidente, mesmo que historicamente tenha se percebido substanciais alterações nesta disponibilização. No período colonial, os motivos de interdições eram mais explícitos como exercício de dominação, conforme esclarece Abreu (2003):

Não havia desinteresse por parte dos colonos e sim um empenho da metrópole em controlar o acesso à instrução e aos livros, como forma de mantê-los subordinados a ela. Apesar das limitações impostas, encontravam-se brechas no sistema: havia poucas escolas, mas professores particulares incumbiam-se da educação; não se podia imprimir, mas era possível importar livros e ler manuscritos; a presença de livreiros era restrita, mas era possível recorrer ao comércio alternativo e às relações com residentes na Europa que se incumbissem da compra e envio de livros; existiam poucas bibliotecas públicas, mas particulares disponibilizavam seus acervos; muitos eram os analfabetos, mas se podiam ouvir leituras em voz alta (p.348).

Dando um salto no tempo e dirigindo o olhar para a atualidade, percebemos que, embora não sejam visibilizados, explicitamente, pontos de interdição ao livro aos moldes dominadores, havendo até programas governamentais de distribuição gratuita de livros didáticos e literários a alunos de escolas públicas, delineamos um quadro preocupante, se pensarmos que os diversos programas implantados pelo Governo Federal relacionados ao Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) não cumprem efetivamente na prática o que é proposto. Isto porque é notório que os vários programas são implantados sem as condições estruturais necessárias, bem como escassas orientações aos profissionais envolvidos para que as ações sejam bem sucedidas.

Assim, pesquisas têm sido realizadas, no sentido de a Escola, na condição de órgão oficial de disseminação de saberes, buscar saídas alternativas na tessitura de uma pedagogia da leitura que propicie a formação de leitores autônomos do impresso, assim como conectados com as possibilidades interativas que a tecnologia oferece, no atual estágio de desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Conforme Mindlin (2009):

O grande problema brasileiro é uma necessidade mais ampla. O que o país precisa para se desenvolver política e culturalmente é que a maior parcela possível de nossa população venha a poder ler e tenha acesso a livros. Trata-se de um grande desafio, que obviamente não pode ser atendido da noite para o dia. O incentivo a práticas generalizadas da leitura é uma tarefa gigantesca, mas essa é uma razão para que passe a ser uma prioridade nacional (p.18).

Isto implica para a Escola a viabilização de políticas públicas de valorização do cidadão, que podem ser reivindicadas, no que concerne ao oferecimento de livros com baixo custo e/ou isenção de impostos, a implementação de bibliotecas públicas e escolares com renovação periódica de acervos, bem como incentivos a pesquisas neste campo temático. Certamente, tais condições poderão ser agentes mobilizadores de mudanças substanciais no quadro educacional atual.

TRAJETÓRIAS DE LEITURAS DAS PROFESSORAS

Inserido nesse contexto, apresentamos as trajetórias de leitura das professoras entrevistadas, tomando como referência a História Cultural e a leitura como prática social.

A nossa aproximação com as professoras do Colégio Estadual de Feira de Santana - Bahia, aconteceu em 2005, quando estas participaram do Projeto "Tecendo Leituras", da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), oportunidade em que vínculos de confiança foram firmados entre elas e a equipe pesquisadora da UEFS.

O trabalho que ora apresentamos se constitui em parte da nossa coleta de dados, no que se refere ao instrumento Entrevista semi-estruturada, que foram realizadas na escola, em horários disponibilizados pelas professoras, as quais são identificadas, neste estudo, por uma numeração. Na tentativa de conhecer sobre as trajetórias de leitura destas professoras, as perguntas foram direcionadas para a sua inserção no mundo da leitura, seu contato com a literatura e a diversidade textual, a importância da leitura para a vida pessoal e profissional e o papel da escola como fomentadora da formação de leitores.

Ao serem questionadas sobre como a leitura entrou em suas vidas, uma professora revelou que foi por iniciativa própria, conforme relata:

Não foi ninguém que indicava livros nem alguém que tivesse... Eu não tenho uma família que tivesse uma herança de leitores, primeiro que meus pais são semi-analfabetos. (Professora 2)

Três professoras indicaram como referência a família:

Bem, a leitura entrou na minha vida ainda muito cedo, porque meu pai é um grande leitor, era uma pessoa bastante culta e com um desejo enorme de conhecer as letras. (Professora 1)

Minha mãe tinha uma irmã que eu chamava de mãe; ela era solteira, ela não se casou, ela era apaixonada pela leitura e eu compartilhava com ela esse amor pela leitura, ela me introduziu na leitura. (Professora 3)

Bom, meu pai é apesar de meu pai não ter curso superior, mas meu pai era muito leitor. Meu pai era ligado ao partido comunista, lá em casa a gente tinha muitos livros de questão... Socialismo, que na época era proibido ler, né? (Professora 5)

Duas fizeram referência à escola:

Eu digo que através da escola. Então a gente normalmente sempre tinha vários tipos de atividades ligadas à leitura. (Professora 4)

A leitura entrou em minha vida na escola, a partir do primeiro ano de ingresso os professores estimulando com os livros básicos e depois com romances... (Professora 6)

A história registra personalidades que aprenderam a ler sem a intervenção da escola e que leitores anônimos adquiriram a leitura sozinhos como autodidatas, conforme assinala Hébrad (1996). O que observamos nos depoimentos não descarta a importância da escola como espaço de formação leitora, no entanto, as práticas de leitura também acontecem fortemente nas situações extra-escolares. Afirma Hébrad (1996):

[...] Colocando o acento sobre o ler mais do que sobre o livro, sobre a recepção mais do que sobre a posse, os pesquisadores demonstraram amplamente que na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revelam. Ao aprender a ler, a criança contentar-se-ia em reinvestir no domínio do escrito as práticas culturais mais gerais do seu meio imediato.

Depreendemos, então, que a escola não é o único lugar de contato com a leitura, apesar de oficialmente ser o espaço reconhecido. Reconhecer outros espaços e outros personagens na inserção do indivíduo no mundo da leitura só tem sido possível porque a História Cultural visibiliza outros espaços e outros sujeitos dantes silenciados na história oficial.

Rememorando as leituras da infância, as professoras revelaram a ausência de práticas de leitura no que se refere à literatura infantil, como também de ouvir histórias contadas. É importante ressaltar que pesquisas realizadas com professoras

da zona rural (BESNOSIK, 2002; LIMA, 2008) revelaram a existência de práticas de leitura em que a contação de histórias por membros da família ou moradores da comunidade era o principal meio de acesso ao universo letrado.

As professoras colaboradoras deste estudo, que ora apresentamos, revelaram que as leituras religiosas eram práticas comuns em seus ambientes familiares. Os dados encontrados corroboram com as diversas pesquisas que tematizam a leitura, mostrando que na casa dos brasileiros a leitura religiosa ocupa um lugar de destaque.

No que se refere ao período da adolescência, as leituras rememoradas foram basicamente aquelas exigidas pela escola. Em relação às leituras da atualidade, houve uma predominância de revistas especializadas na área de educação e um número significativo de revistas de informação geral, a exemplo de "Isto É", "Veja", "Cláudia", e revistas de fofoca. São professoras que transitam na zona urbana e são influenciadas constantemente pela Indústria Cultural de Massa, produtora de suportes textuais que não exigem um esforço reflexivo mais aprofundado por parte do leitor.

Quando questionadas sobre a representação da leitura na sua vida pessoal e profissional todas expressaram a relevância da leitura. Alguns depoimentos, de maneira muito clara, trouxeram a leitura tanto para o campo do conhecimento, quanto para o campo das emoções como podemos ver a seguir:

Porque a gente não tem que ter bons leitores só com o pessoal que faz letras. O bom leitor ele tem que estar atrelado a todos os cursos. Então, leitura pra mim é a base, é o suporte, é o que faz a gente crescer em todos os sentidos, porque a gente não se deixa corromper pelo sistema, por nada[...]. Porque sem leitura, minha irmã, como é que a gente atua no mundo?(Professora 1)

Podemos inferir que esta professora percebe a leitura como uma oportunidade do sujeito se inserir no mundo de maneira mais consciente e crítica. Assinala, também, que a leitura não deve ser tratada na escola de forma restrita a uma única área do conhecimento, ou seja, a área de linguagem.

No campo da emoção destacamos os seguintes relatos:

A leitura, na realidade, é o descortinar de uma mente humana. Então através da leitura a gente conhece o mundo, a gente conhece os nossos sentimentos, as nossas emoções...(professora 2)

A leitura é o que amplia nossos horizontes, mas a leitura ela tem algo especial, ela trabalha de forma inigualável na imaginação, porque quando você tá ali diante do audiovisual, o visual limita, mas a leitura ela incita a nossa imaginação e ela faz você mergulhar no universo que é um pouco do autor, mas é muito mais seu, porque interage aquilo que está em mim com aquilo que o autor traz.(Professora 3)

Estas professoras apresentam uma concepção de leitura que se relaciona com a leitura literária, aquela que possibilita ao leitor rever os seus pontos de vista, entrar no mundo da emoção, tornar-se sujeito da sua própria leitura, como afirma Candido (1995: 248): "As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo."

NOTAS PARA UMA CONCLUSÃO

A presente investigação revela, ainda que parcialmente, que de um modo geral, as professoras compartilham da idéia de que a leitura é elemento essencial na formação do cidadão na sociedade letrada, mas os dados coletados vão também revelando que alguns discursos sobre a leitura no ambiente escolar têm um caráter doutrinador e hierárquico do professor para o aluno. Assinalamos que não podemos afirmar com clareza que tais discursos têm resultado em ações significativas para a formação de um leitor proficiente, haja vista não termos percebido, durante a coleta de dados, mobilizações das professoras na perspectiva de viabilizar projetos com intuito de desenvolver nos alunos o gosto pela leitura.

As trajetórias de leitura dos professores revelam perfis de leitores que vão se formando no contato com diversos suportes textuais, bem como com diferentes maneiras de ler que se encontram dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ABL); São Paulo: Fapesb, 2003. - (Coleção Histórias de Leitura).

BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. **Encontros de leitura**: uma experiência partilhada com professores da zona rural da Bahia. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas de leitura**; tradução Cristiane Nascimento; revisão da tradução Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância da leitura**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez: 1989.

HÉBRAD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamery-Duval aprendeu a ler? In.: **Práticas de leitura**; tradução Cristiane Nascimento; revisão da tradução Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LIMA, Rita de Cássia Brêda Mascarenhas. **Nas malhas da leitura**: perfil leitor e práticas culturais de leitura de professores e professoras rurais da comunidade de Arrodeador - Jaborandi - Bahia. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia. Salvador, Bahia: 2008.

MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola**: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2005.